

MARIA DA PENHA NERY

# VÍNCULO E AFETIVIDADE

*Caminho das relações humanas*



*VÍNCULO E AFETIVIDADE*

*Caminho das relações humanas*

Copyright © 2003, 2014 by Maria da Penha Nery  
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editora assistente: **Salete Del Guerra**

Capa: **Buono Disegno**

Imagem de capa: **jules2000/Shutterstock**

Projeto gráfico e diagramação: **Crayon Editorial**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

**Editora Ágora**

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.editoraagora.com.br>

e-mail: [agora@editoraagora.com.br](mailto:agora@editoraagora.com.br)

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3873-7085

e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# SUMÁRIO

PREFÁCIO .....	11
INTRODUÇÃO .....	15
<b>1</b> A teoria do vínculo – por um enfoque na afetividade .....	19
<b>2</b> Aprendizagem emocional e lógicas afetivas de conduta .....	35
<b>3</b> Vínculo e aspectos internalizados dos vínculos .....	65
<b>4</b> Modalidade vincular afetiva e agressividade .....	93
<b>5</b> Uma visão socionômica das relações de poder .....	107
<b>6</b> Da conserva vincular .....	129
<b>7</b> O coinconsciente: criando vínculos que nos criam .....	153
<b>8</b> Trabalhando a cotransferência no vínculo cliente/terapeuta .....	167
<b>9</b> A fala no psicodrama .....	195
<b>10</b> A ciência da cocriação e o vínculo amoroso .....	219
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	233

## P R E F Á C I O

**Minha primeira lembrança** de Brasília, nos anos do Brasil JK introduzindo a década de 1960, é a poeira vermelha que se instalava insistente até nas mínimas rachaduras da alma.

Com o tempo, floresceu a vegetação abundante que veio suavizar as formas desenhadas e marmóreas da arquitetura de Niemeyer e a planificação urbana de Lúcio Costa. A poeira acabou, um dia, se assentando no solo do crescimento. A matriz, um *locus*, um *status nascendi*.

É do Planalto Central neste estado de cultivo e de florescimento que nos chegam a voz e a razão de Maria da Penha Nery.

*Vínculo e afetividade* marca, para mim, a passagem de um estado de pequenos canteiros plantados esparsos na poeira vermelha do conhecimento psicodramático para o de um jardim pleno da integração das suas múltiplas articulações teóricas.

Como a escadaria da Igreja da Penha, no Rio de Janeiro (perdoem-me o que possa parecer um trocadilho infame), com seus 365 degraus, feita de encomenda para as preces e promessas dos romeiros em cada dia do ano, o recolhimento e a amarração dos inúmeros marcos da teoria do psicodrama, às vezes aparentemente irreconciliáveis entre si, acabam parecendo mesmo uma romaria de esfolar pés e joelhos.

Para meu espanto e surpresa, Maria da Penha Nery não só emerge incólume desta tarefa exaustiva, quase uma teia de Penélope, como, com este livro, consegue circunscrever aquilo que é realmente essencial na teoria de Moreno, sem esquecer, em nenhum momento, de dispensar o cuidado obrigatório e necessário a ser dado às contribuições decisivas dos psicodramatistas pós-morenianos nesta construção teórica.

Ela consegue juntar as partes sem que o resultado pareça um Frankenstein.

O produto final, como não poderia deixar de ser, é um livro bem continuado, no sentido de sua coerência teórica e fidelidade aos princípios da teoria do Psicodrama; bem-acabado porque consistentemente fundamentado, e aberto para o futuro porque excelentemente atualizado, abrindo novas questões, o que, infelizmente, nem sempre é a tônica de obras que se pretendem obras como esta.

O enfoque do psicodrama é e sempre foi o vínculo. A ele é dirigida a atenção de Moreno, com uma técnica derivada do teatro, em que a imaginação e a fantasia configuram uma inter-relação, uma interatuação capazes de construir uma realidade suplementar plena de espontaneidade e de criatividade.

É sobre isso que se instala toda a teoria do psicodrama, com a construção de *um caminho das relações humanas*, por meio da sociologia e seus ramos, a teoria de papéis e os conceitos de protagonista, tele, transferência e coinconsciente, só para dar alguns exemplos.

Por outro lado, neste caldo de cultura tão produtivo e intenso, a cena psicodramática surge em sua plenitude transbordante dos reflexos fidedignos ou distorcidos da afetividade. É só vivê-la e revivê-la para que se saiba do que estou falando aqui.

O que surpreende, sabendo disso tudo e do quanto vínculo e afetividade andam juntos e dependem um do outro, é que ninguém até agora tenha se preocupado, na produção científica psicodramática, em juntá-los especificamente, compondo uma sistematização pertinente e obrigatória. Estávamos em falta. Ficávamos devendo.

Não estamos nem ficamos mais.

Este livro da Penha, como nós a chamamos carinhosamente no meio psicodramático, veio, oportunamente, preencher esta lacuna do Psicodrama.

Vínculo e afetividade são, pois, os dois pontos de partida e os dois pontos de chegada.

O estudo da afetividade permitiu que Maria da Penha introduzisse um novo conceito no psicodrama, a que chamou de *lógica afetiva de*

*conduta*, uma pedra de toque, uma pérola teórica que complementa e elucida com raro brilhantismo a noção psicodramática de transferência.

Apenas com esta contribuição teórica Penha já pode se considerar um verbete de uma enciclopédia internacional de Psicodrama.

Leiam e estudem o Capítulo 2 e vejam se eu não tenho razão. É a própria alma e essência deste livro, à qual consegue agregar as variações e modalidades vinculares, a patologia dos vínculos, o papel do coinconsciente moreniano no ato de vincular-se e as relações de poder que decorrem de tudo isso.

A sua engenhosidade nos faz viajar na pele de Moreno, *títeres que somos de nossa sociedade sem ética e cidadania, recheada de valores desumanos*, restituindo a nós mesmos a crença e o movimento de nossos ideais e poderes criativos.

Este é o sentido. Este é o caminho. Este é o florescimento que Maria da Penha Nery nos aponta com o seu regador de esperança, bem no meio do Planalto Central.

SERGIO PERAZZO

## INTRODUÇÃO

**Feliz com a boa aceitação** e crítica à minha obra *Vínculo e afetividade*, resolvi revê-la e aprimorá-la. A revisão da terceira edição me emocionou muito, pois me lembrei dos momentos em que escrevi o livro e me imaginei no lugar do leitor. Tentei tornar as ideias mais acessíveis, por meio de mais exemplos e do aperfeiçoamento da escrita. E espero continuar contribuindo para a Socionomia e para todos que trabalham com Psicoterapia, tratamento de indivíduos e grupos, educação e demais profissões que buscam amenizar o sofrimento individual e coletivo.

Quando realizamos um desejo, muitas vezes nem sabemos ao certo de sua origem. Mas, num percurso interior, ao buscar o *status nascendi* deste livro, encontrei um momento que lhe serviu de aquecimento: quando estudante de Psicologia, apaixonada pelas teorias do desenvolvimento e da personalidade, intrigavam-me as questões relativas à influência da afetividade no comportamento humano.

Anos depois, em minha monografia para o título de professora-supervisora em Psicodrama, “Vínculo e afetividade: um estudo sobre tele e transferência”, tentei aprofundar a compreensão psicodramática sobre os fenômenos tele e transferência. Sob a coordenação de José Fonseca Filho, apresentei essa monografia no IX Congresso Brasileiro de Psicodrama, em 1994, expondo, pela primeira vez, as minhas recém-nascidas ideias sobre lógicas afetivas de conduta e inteligência relacional.

Um ano depois, em São Paulo, apresentei meu trabalho a Sergio Perazzo. Ele apontou as minhas contribuições para a teoria psicodramática. Esse momento foi registrado como um grande incentivo

profissional e, também, uma experiência “reparadora”, pois muitos sentimentos e várias tentativas de adiamento do meu projeto de ser escritora começaram a ser resolvidos. Mote contínuo, tive o audaz desejo de criar com o mestre Moreno e demais psicodramatistas...

Em 2001, convidei Perazzo para cocriar, por meio de suas revisões críticas, meu livro. Ele prontamente aceitou e sou-lhe muito grata. Estudei um pouco mais a respeito da influência da afetividade nos vínculos e pesquisei tal influência em minha prática psicoterápica e sociátrica e observando a prática de alguns colegas. Esse é o método da pesquisa-ação, da pesquisa participante e ativa, que o Psicodrama (em seu sentido amplo, Socionomia) nos proporciona.

Busco ampliar a compreensão das teorias do vínculo e dos papéis, com base no estudo da aprendizagem emocional, no processo da aquisição das características dos papéis, no desenvolvimento da sociodinâmica e nas relações de poder.

Em síntese, o livro contém, no Capítulo 1, uma exposição sobre a teoria do vínculo, com enfoque na afetividade.

Nos Capítulos 2 a 7, crio conceitos procurando explicitar a importância da afetividade nos vínculos, particularmente nos processos de cocriação e de cotransferência. Entre eles, temos: lógica afetiva de conduta, aspectos internalizados dos vínculos conflituosos, competição sociométrica, papéis latentes, vínculo patológico ambivalente, vínculo patológico sociométrico, modalidade simbólica de expressão do eu e instâncias de poder. Também explicito alguns fenômenos pertinentes aos vínculos (e aos grupos), entre eles: inconsciente, complementação patológica de papéis, relações de poder, modalidade vincular afetiva e inteligência relacional.

Nos Capítulos 8 a 10, contribuo com exemplos da práxis sócio e psicodramática e descrevo a Socionomia como a ciência da cocriação. Eis o resultado de alguns anos de estudos, pesquisas e de viagens pelo mundo imaginário de meu vínculo com os leitores.

Esses estudos foram base para outros trabalhos realizados por mim, entre eles: a tese de doutorado, o livro *Grupos e intervenção em conflitos* e *Intervenções grupais – O psicodrama e seus métodos*.



Assim, o livro *Vínculo e afetividade – Caminhos das relações humanas* tem um corpo que, espero, leve um pouco da alma de alguém que tenta contribuir para todos os profissionais das relações humanas.

É tempo das relações humanas.

Não posterguemos mais. Procuremos iluminar os caminhos na nova ordem mundial terapêutica!

---

# 1

## A TEORIA DO VÍNCULO – POR UM ENFOQUE NA AFETIVIDADE

Ao que tudo indica, ao longo da nossa infância nós perdemos a capacidade de nos admirarmos com as coisas do mundo, Mas com isso perdemos uma coisa essencial [...] pois em algum lugar dentro de nós alguma coisa nos diz que a vida é um grande enigma. E já experimentamos isto muito antes de aprendermos a pensar.

JOSTEIN GAARDER

**E, de repente,** nos perguntamos: quem somos? Dia após dia tentamos responder com nossas ações. E encontramos vínculos que estabelecemos, no contato com o outro, nos dramas da vida. Seja o que for que realizemos em nossa existência – uma pergunta, os papéis que desempenhamos, nossos dramas, comédias, tragédias ou conflitos –, tudo está permeado pela afetividade. Então, podemos nos ver, ser e existir, sobretudo pela afetividade. São as vivências afetivas o fundamento da nossa existência heroica ou aprisionada no automatismo. São as marcas afetivas que dão vitalidade, sentido e colorido às nossas ações e aos nossos vínculos. Mas o que são nossos vínculos e como a afetividade os influencia?

Jacob Levy Moreno, criador da Socionomia, ciência que estuda a articulação entre o individual e o coletivo, afirma que nos revelamos e nos estruturamos por meio da ação, que se constitui do cumprimento de papéis.

Portanto, no palco da existência, somos atores que desempenham papéis diretamente ligados ao “eu”. Nossa personalidade é a resultante dos vínculos que estabelecemos, do conjunto de papéis que exerce-

mos, dos papéis que estão contidos ou reprimidos, da nossa modalidade vincular e das nossas predisposições hereditárias.

Segundo Moreno (1975, p. 102), personalidade é “uma função de g (genes), e (espontaneidade), t (tele) e m (meio)”. Nessa visão holística, a personalidade está relacionada à cultura, ao contexto e ao momento em que vivemos. Assim, só existimos nas relações. Existir é coexistir.

Na ação, vivemos os papéis sociais ao assumir uma forma de funcionamento numa situação e momentos específicos. E damos uma resposta totalizadora ao ambiente, pois nessa resposta estão presentes os estímulos internos (cognição, história pessoal e afetividade), os estímulos externos (tipo de vínculo, contexto, cultura e momento) e os projetos dramáticos, isto é, as realizações de expectativas que incluem os critérios sociométricos<sup>1</sup> (Aguiar, 1990). Esses projetos nos lançam para a cocriação.

Ainda, além dos papéis sociais, enriquecemos nossos encontros e desencontros com os papéis imaginários, os papéis latentes e os papéis psicodramáticos (Rubini, 1995).

Os papéis imaginários se localizam no mundo imaginário, surgem dos sentimentos e desejos que, em alguns contextos, são reprimidos, não realizados ou impedidos de ser expressos. Tais papéis serão resgatados ou concretizados por meio dos papéis psicodramáticos, desempenhados no palco do Psicodrama (Naffah Neto, 1979).

Também criamos papéis imaginários mediante a atividade imaginativa, como os papéis ligados aos delírios e às alucinações; podemos aprender papéis imaginários observando os acontecimentos, que passam a fazer parte do mundo da fantasia. Muitos papéis imaginários ainda podem surgir do redimensionamento psíquico de personagens “arquetípicos”, ou seja, dos papéis enraizados nos mitos e em toda cultura e sociedade com funções determinadas e objetivas, por exemplo, o papel do salvador, do monstro, do deus, da

1. Sociometria é a parte da Socionomia que estuda a organização e a estrutura dos grupos (Moreno, 1972, 1978). Concebo-a também dentro do dinamismo cotidiano dos vínculos e dos grupos sociais, considerando os projetos dramáticos.